



*redação de*  
**CAMPEÃO**

**Aula 01**

**Tema: O perigo dos cigarros  
eletrônicos**

*Professora Candice Almeida*

*Professor João Filipe Magnani*

[contato@redacaodecampeao.com.br](mailto:contato@redacaodecampeao.com.br); [www.redacaodecampeao.com.br](http://www.redacaodecampeao.com.br)

### EUA apura se lesão pulmonar em jovens está ligada a cigarro eletrônico

No Brasil, Anvisa inicia processo para possível regulamentação de dispositivos (Folha de S.Paulo, 20.ago.2019)

No momento em que a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância em Saúde) inicia processo para possível regulamentação de cigarros eletrônicos no Brasil, casos de doenças pulmonares ligados ao uso desses dispositivos nos Estados Unidos acendem o alerta de que eles podem não ser tão inofensivos quanto o marketing da indústria faz parecer ser.

O assunto permeia a agenda da Anvisa há dez anos, quando foi proibida a comercialização, a importação e a propaganda de cigarros eletrônicos. Desde 2016, no entanto, a agência vem levantando novas informações sobre o tema e, no último dia 8, aconteceu a primeira audiência pública, que será complementada por uma outra no próximo dia 27.

Algumas questões cruciais permanecem sem respostas conclusivas, como quais os reais impactos do uso desses dispositivos e quais os efeitos a longo prazo na saúde.

Segundo reportagem publicada pelo Washington Post na última sexta (16), autoridades de saúde estaduais e federais dos EUA estão investigando pelo menos 94 casos de doenças pulmonares misteriosas ligadas ao uso de cigarros eletrônicos em 14 estados, a maioria envolvendo adolescentes e jovens adultos. Alguns deles precisaram ficar em UTIs, com ventilação artificial.

As autoridades estão alertando os médicos e o público a ficarem atentos ao que descrevem como uma lesão pulmonar grave e potencialmente perigosa. Os sintomas incluem dificuldade para respirar, falta de ar ou dor no peito antes da hospitalização. Os pacientes também relataram febre, tosse, vômito e diarreia.

Segundo os Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA (CDC), embora todos os pacientes relatem ser usuários de cigarros eletrônicos, ainda não se sabe com certeza se as doenças estão associadas aos dispositivos ou aos ingredientes inalados por meio deles.

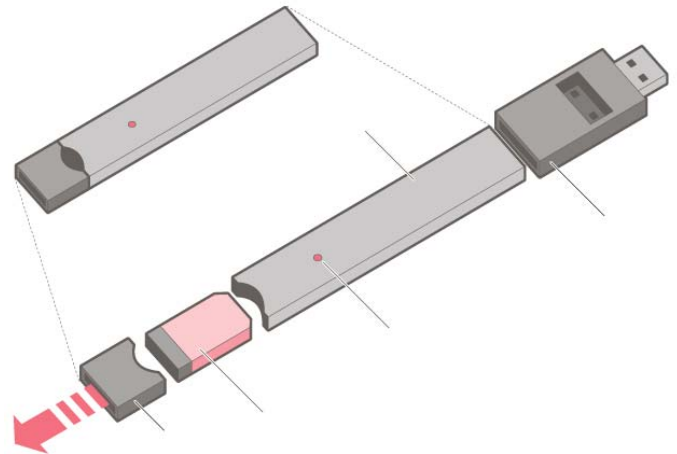
Os pacientes descreveram que inalaram uma variedade de substâncias, incluindo nicotina, produtos à base de maconha e "home-brews" (do tipo "faça você mesmo").

Os cigarros eletrônicos viraram uma febre entre jovens americanos, apesar da pouca pesquisa sobre os seus efeitos a longo prazo. E já chegaram ao Brasil, mesmo proibidos. Existem sites de comércio exclusivos de cigarros eletrônicos e seus acessórios e muitos vendedores usam a plataforma do Mercado Livre para comercializá-lo. Os preços variam entre R\$ 200 e R\$ 1.400.

Conforme a Folha mostrou em junho último, as estratégias usadas por aqui são bem semelhantes as que fazem sucesso lá fora: publicações em redes sociais, divulgação por meio de influenciadores digitais e estandes em festivais e baladas.

Diante do alerta das autoridades de saúde americanas, a marca líder de cigarros eletrônicos, a Juul, disse que está acompanhando os relatórios sobre as doenças pulmonares associadas ao produto e afirma que tem "sistemas robustos de monitoramento de segurança".

Uma associação que defende o uso dos dispositivos disse que a cada mês, cerca de 10 milhões de adultos estão aderindo aos cigarros eletrônicos sem grandes problemas e que é provável que os produtos que estão



causando as lesões pulmonares sejam aqueles vendidos nas ruas contendo drogas ilegais, e não nicotina.

Mas, por enquanto, não há certeza de nada, muito menos da segurança do uso por jovens. Em janeiro de 2018, um relatório das Academias Nacionais de Ciências, Engenharia e Medicina concluiu que, embora os cigarros eletrônicos sejam menos prejudiciais do que os convencionais (que produzem uma série de substâncias tóxicas quando queimados), eles representam riscos para a saúde de adolescentes e adultos jovens que não fumam. Entre os efeitos estão o aumento da tosse, sibilância (assobio agudo durante respiração) e ataques de asma.

Por isso, é benéfica a cautela com que a Anvisa vem tratando o tema. Foi árdua a luta para que o Brasil reduzisse em 40% o percentual de fumantes, de 15,6% em 2006, para 9,3% em 2018, segundo dados do Ministério da Saúde. Apesar dos avanços, entre os jovens de 18 a 24 anos nas capitais, a prevalência subiu de 7,4% para 8,5%. É justamente essa população a mais vulnerável ao cigarro eletrônico, com muito marketing voltado para elas.

Mesmo com a redução, o tabagismo ainda é um problemão para a saúde individual e pública: 12,6% das mortes no Brasil são atribuíveis ao cigarro. Em números absolutos, são 156.216 óbitos por ano. Os custos anuais do consumo de tabaco para o país, traduzíveis em despesas médicas e perda de produtividade do trabalhador, chegam a R\$ 56,9 bilhões, montante muito superior aos R\$ 13 bilhões arrecadados pelo Estado na tributação dos produtos derivados do fumo.

Por isso tudo, é preciso que governos e sociedade civil fiquem bem atentos não só para lobbies relacionados à liberação do cigarro eletrônico como também para os que defendem a redução dos impostos sobre o tabaco. Parafraseando o que disse recentemente o diretor do FDA, Scott Gottlieb, "não podemos permitir que uma nova geração seja viciada em nicotina".

**Cláudia Collucci** - Jornalista especializada em saúde, autora de "Quero ser mãe" e "Por que a gravidez não vem?".

## **Criminosos Impunes –** (Folha de S.Paulo, 29.set.2019)

A coluna de hoje tem uma particularidade. Escrevi para quem não lê jornal, gente com menos de 20 anos que se informa pela internet.

Quando tinha a idade de vocês, eu era tímido, envergonhado e inseguro. Me achava muito alto, magro, desengonçado, meio feio, meio ridículo.

Quando entrava no cinema, num restaurante ou em espaços públicos com pessoas desconhecidas, achava um jeito de correr para a cadeira mais próxima que me escondesse dos olhares alheios. Era campeão de sentar junto à porta do banheiro de restaurante, na mesa que batia sol, atrás da coluna que encobria parte da tela.

Nas festas era um inferno. O que fazer com as mãos?

Enfiava no bolso, retirava, cruzava os braços, descruzava, encostava na parede, desencostava, segurava o queixo. Sentia que todos percebiam meu desconforto.

Aos 17 anos, comecei a fumar. O cigarro trouxe alívio. Mal chegava à festa, tirava o isqueiro, pegava o maço, acendia um e dava uma tragada cinematográfica. Por alguns minutos, pelo menos, uma das mãos ficava entretida no ritual que a televisão e o cinema exibiam com mulheres de olhares lânguidos e lábios sensuais, e homens maduros que montavam cavalos afoitos e pilotavam conversíveis ao lado das mulheres de olhares lânguidos e lábios sensuais.

No início, fumava apenas nas festas, depois, ocasionalmente, quando um amigo me oferecia, mais por exibicionismo, para mostrar que era adulto. Quando dei por mim, já tinha caído na mão do fornecedor: um maço por dia, todos os dias.

Passei 19 anos escravizado pela dependência de nicotina, droga maldita que vicia mais do que o crack. É a única que provoca crises de abstinência que se sucedem em minutos. Só quem passou por uma delas sabe o desespero que dá. A ansiedade e a irritação tomam conta da gente. Você não consegue se concentrar, estudar, ler, conversar ou namorar — a única forma de fugir daquele suplício é fumar.

Crises de abstinência de maconha, cocaína ou anfetamina são brincadeiras de criança perto das que a nicotina dispara dez, 20, 30 vezes por dia. Resistir a elas é tão desumano que menos de 10% dos que tomam coragem para enfrentá-las com determinação, continuam abstinentes 12 meses mais tarde.

Larguei do cigarro muito antes de vocês nascerem. Hoje, a fumaça me incomoda, mas se eu der uma tragada por brincadeira, vou para a padaria comprar um maço. Você deixa de ser fumante, mas carrega a dependência pela vida toda.

Felizmente, a geração de vocês foi informada dos malefícios do fumo. Um trabalho persistente da sociedade brasileira conseguiu desmascarar a publicidade criminosa que associava o cigarro ao estilo de vida das mulheres maravilhosas e dos homens sedutores, para reduzi-lo ao que realmente é — um vício chinfrim que deixa você com mau cheiro, hálito repulsivo, pele doentia e, mais tarde, com as piores doenças que conheci na medicina.

Valeu o esforço educativo. Hoje, menos de 10% dos brasileiros com mais de 15 anos são fumantes.

Éramos 60% na minha adolescência. Agora, fumamos menos do que os americanos e do que em todos os países da Europa.

Há anos repito que a indústria do fumo é a mais criminosa da história do capitalismo ocidental.

Inconformada com a diminuição das vendas, desenvolveu uma estratégia demoníaca para assegurar seus lucros imorais: o assim chamado cigarro eletrônico, na verdade mero dispositivo para administrar nicotina.

O objetivo é arregimentar multidões de crianças e adolescentes, dando-lhes a ilusão de que consomem um produto que não faz mal à saúde.

Olha o que aconteceu com os americanos. Mais de 25% dos estudantes com menos de 15 anos fumam eletrônicos, vendidos em cerca de 20 mil lojas, que rendem anualmente aos criminosos U\$ 2,6 bilhões (cerca de R\$ 11 bi), arrecadados às custas de uma legião de 10 milhões de dependentes.

Até a semana passada, apenas nos Estados Unidos, o dispositivo apregoado como inofensivo havia causado 530 internações e oito mortes por insuficiência respiratória aguda.

No Brasil, a venda dessa invenção diabólica está proibida, mas cada vez mais adolescentes fumam dispositivos contrabandeados ou vendidos pela internet. Muitos têm 11 ou 12 anos de idade. São meninas e meninos ingênuos, que perderão a liberdade de viver longe da nicotina.

Não caia nessa. Ser jovem, inexperiente, tudo bem. Trouxa, não.

**Drauzio Varella** - Médico cancerologista, autor de “Estação Carandiru”.

## **Os constantes desafios da redução de danos**

**Método também pode ser aplicado ao consumo de tabaco** (Folha de S.Paulo, 03.out.2019)

Temos assistido à realização de várias mudanças na Lei de Drogas brasileira (Lei 11.343), assim como na Política Nacional sobre Drogas. Na contramão de vários países que colecionam sucessos possíveis no trato com problemas relacionados ao consumo de SPAs (substâncias psicoativas), o atual governo brasileiro quer retomar o modelo de abstinência exclusiva, em lugar do defendido pela redução de danos (RD).

A proposta da RD —conjunto de práticas, programas e políticas— busca principalmente reduzir agravos físicos, psíquicos e sociais relacionados ao consumo de SPAs lícitas e ilícitas, para aqueles que não querem ou, mais importante, não conseguem interromper seu uso.

Na década de 1980, a RD, principal alternativa à disseminação da epidemia da Aids, consistia basicamente na distribuição de seringas e agulhas descartáveis para aqueles que não interrompiam o uso de drogas injetáveis e, assim, pudessem escapar de contaminações contraídas.

Iniciada na Inglaterra e Holanda, essa estratégia foi mal compreendida e rejeitada. Seus críticos a viam como uma forma

de estímulo e/ou consentimento para o consumo. Mas, com sua aplicação, a pandemia da Aids foi contida, os direitos dos usuários de drogas debatidos e, em 2016, cem países no mundo todo já empregavam alguma abordagem de RD em suas políticas públicas ou práticas.

Com isso, a redução de danos despertou interesse no possível uso para a diminuição dos problemas causados também pelo consumo de substâncias lícitas, como álcool e tabaco. Em 2002, foi organizada a 1ª Conferência Internacional de Álcool e Redução de Danos. Novas críticas. Diziam que a RD aplicada ao álcool só levaria ao aumento de um consumo que já era exagerado, especialmente entre jovens. Na verdade, a regulamentação se tornou mais rigorosa, com melhores controles na venda para menores e na prática de dirigir alcoolizado.

Atualmente, é a indústria do tabaco que, diante da nova legislação internacional e da maior conscientização da população sobre os danos causados pelo cigarro, vem

desenvolvendo produtos que prometem formas menos danosas de consumo da nicotina.

A convite da Phillip Morris Internacional, fui a uma reunião com o Serviço de Saúde Pública Inglês para conhecer a política em RD daquele país, e uma visita aos laboratórios da empresa, onde pesquisas têm buscado alternativas mais seguras ao uso do cigarro. Conheci produtos que não utilizam tabaco em sua composição, mas que contêm nicotina — substância responsável pelo prazer e dependência—, assim como outros que utilizam, além da nicotina, o tabaco aquecido e não queimado. Esse seria um uso menos danoso, uma vez que é a combustão do tabaco a responsável pelos subprodutos indesejados.

Estudos demonstram importante redução na exposição dos fumantes a substâncias patogênicas provenientes da combustão do tabaco. Severas críticas têm sido dirigidas à tentativa de se aplicar medidas de RD, agora ao consumo do cigarro. Dados clínicos ainda estão em andamento, sendo necessário mais tempo para conclusões seguras.

**Mônica Gorgulho** - Psicóloga clínica, mestre em psicologia social, ex-presidente da Rede Brasileira de Redução de Danos e ex-membro da diretoria-executiva da Associação Internacional de Redução de Danos

Em 2005 entrou em vigor a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, da Organização Mundial da Saúde, cuja meta é reduzir em 30% os fumantes acima de 15 anos, até 2025, em todo o mundo. Dados coletados já demonstram que a meta não será alcançada. Mas, ainda que fosse, a pergunta eterna e que caracteriza a redução de danos é: o que fazer com todos os que não conseguem interromper o uso do tabaco por mais que queiram e se esforcem?

A RD é uma alternativa à impossibilidade de interrupção de um comportamento comprovadamente danoso a certos indivíduos. Como criar ações que realmente diminuam o consumo de cigarros sem cair em soluções fáceis como aumentar o preço do produto, quando mais da metade dos 106 bilhões de unidades consumidas em 2018 no Brasil veio do comércio ilegal?

Não podemos repetir erros do passado, gastando bilhões e levando décadas na perseguição de expectativas pouco realistas. Afinal, a adultos, sem qualquer condição de vulnerabilidade, deveria ser dado o direito da livre escolha sobre o que interferirá diretamente em suas vidas.

## MÃOS À OBRA

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema: **“O perigo dos cigarros eletrônicos”**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista. Seu texto deve ter entre 07 e 30 linhas escritas.